

## TERAPIA OCUPACIONAL NO CAMPO DO TRABALHO: EXPERIÊNCIAS CENTRADAS NA CRÍTICA À INFORMALIDADE E AO TRABALHO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Occupational Therapy in the work field: intersectoral experiences focused on the criticism of informality and work in contemporary capitalism

Terapia Ocupacional en el campo laboral: experiencias intersectoriales centradas en la crítica a la informalidad y el trabajo en el capitalismo contemporáneo

**Marina Batista Chaves Azevedo de Souza**

<https://orcid.org/0000-0003-0704-0534>

Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Terapia Ocupacional, Lagarto, SE, Brasil.

**Alexia Costa Lima**

<https://orcid.org/0009-0007-2026-4272>

Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Terapia Ocupacional, Lagarto, SE, Brasil.

**Daniela de Siqueira**

<https://orcid.org/0009-0006-2098-6841>

Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Terapia Ocupacional, Lagarto, SE, Brasil.

**Maria Eduarda Pereira dos Santos**

<https://orcid.org/0009-0008-5060-0465>

Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Terapia Ocupacional, Lagarto, SE, Brasil.

**Reinan dos Santos Sousa**

<https://orcid.org/0009-0000-3990-4339>

Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Terapia Ocupacional, Lagarto, SE, Brasil.

**Sarah Mayara dos Santos**

<https://orcid.org/0000-0003-1148-7574>

Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Terapia Ocupacional, Lagarto, SE, Brasil.

### Resumo

**Objetivo:** Através da imagem de capa, apresentar as práticas de um Estágio em Terapia Ocupacional e Trabalho. **Descrição da imagem:** Trata-se de uma colagem que retrata práticas com mototaxistas e com trabalhadoras de uma casa de farinha familiar. Construiu-se um cuidado em Terapia Ocupacional pautado na compreensão da informalidade do trabalho a partir de aportes epistemológicos críticos, alinhados com o materialismo-histórico. Realizou-se práticas informativas, educativas, e reflexivas embasadas em pressupostos teóricos que pautam problemas macroestruturais e recomendam intervenções profissionais direcionadas à transformação de racionalidades que lucram com o “não direito”, com a desarticulação dos coletivos e com a desresponsabilização governamental.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional. Trabalho. Intersetorialidade. Saúde do Trabalhador.

### Abstract

**Objective:** Through the cover image, present the practices of an Internship in Occupational Therapy and Work. **Image description:** This is a painter who portrays practices with motorcycle taxi drivers and workers in a family flour mill. Care was built in Occupational Therapy based on understanding the informality of work based on critical epistemological sports, aligned with historical materialism. Informative, educational, and reflective practices were carried out based on theoretical assumptions that guide macrostructural problems and recommend professional interventions based on the transformation of rationalities that profit from the “not right”, from the disarticulation of collectives and from the government's lack of responsibility.

**Keywords:** Occupational Therapy. Work. Intersectoriality. Occupational Health.

### Resumen

**Objetivo:** A través de la imagen de portada presentar las prácticas de una Práctica en Terapia Ocupacional y del Trabajo. **Descripción de la imagen:** Se trata de un pintor que retrata prácticas con mototaxistas y trabajadores de un molino harinero familiar. La atención se construyó en Terapia Ocupacional a partir de la comprensión de la informalidad del trabajo a partir de deportes epistemológicos críticos, alineados con el materialismo histórico. Se realizaron prácticas informativas, educativas y reflexivas a partir de supuestos teóricos que orientan problemas macroestructurales y recomiendan intervenciones profesionales basadas en la transformación de racionalidades que lucran con el “no bien”, con la desarticulación de los colectivos y con la falta de rendición de cuentas del Gobierno.

**Palabras clave:** Terapia Ocupacional. Trabajo. Intersectorialidad. Salud Laboral.

### Como citar:

Souza, M.B.C.A.; Lima, A.C.; Siqueira, D.; Santos, M. E. P.; Sousa, R. S.; Santos, S. M. (2024). Terapia Ocupacional no campo do trabalho: experiências centradas na crítica à informalidade e ao trabalho no capitalismo contemporâneo. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 8(1). DOI: 10.47222/2526-3544.rbto59581.

## 1. Contextualização

Esta imagem de capa ilustra o que foram as práticas desenvolvidas em um estágio obrigatório de Terapia Ocupacional e Trabalho, que ocorreram entre setembro de 2022 e maio de 2023. As práticas foram direcionadas à trabalhadores informais de um município do nordeste brasileiro.

Neste tópico de contextualização são apresentados os aportes teóricos e o objetivo deste trabalho. Observando as normas do periódico, ressalta-se que as compreensões teóricas aqui relatadas foram a base da elaboração das práticas e das reflexões realizadas durante as supervisões de estágio. Se constitui em um desafio tecer extensas discussões teóricas ao longo da descrição de práticas em um texto em formato de imagem de capa.

Primeiramente, esclarece-se que o conceito de trabalho informal (ou informalidade), utilizado aqui, está em consonância teórica com estudiosos da sociologia do trabalho, embasados no materialismo-histórico. Assim, entende-se como trabalho informal aquele trabalho que não tem “forma”, quando se trata de vínculos empregatícios. Isto inclui as denominações de “trabalho autônomo” ou “trabalhador liberal”. Essa compreensão teórica aponta que as diferentes nomenclaturas adotadas ao longo do tempo são estratégias neoliberais que tratam de “romantizar” o desemprego e a “cultura da viração”. Este “cardápio de conceitos” em nada muda a realidade de precarização relacionada a tal tipo de trabalho, sobretudo em países com altos índices de desigualdade (Krein, 2018; Lima, 2013; Noronha, 2003; Pamplona, 2013).

Trabalhadores sem vínculos com um contratante vivenciam a escassez de proteção social e de outros direitos que são comumente garantidos por meio dos contratos de trabalho formal e que são também responsabilidade Estatal (Goldberg, 2014). Essa situação pode não apresentar problemáticas para todo trabalhador sem vínculo, mas se agrava quando estamos tratando de trabalhadores pertencentes a classes sociais desfavorecidas, inseridos em países com muitas problemáticas políticas e socioeconômicas. A escassez de direitos no trabalho (ou ao trabalho) proporciona diferentes tipos de consequências para a vida das pessoas.

Lussi & Souza (2022) apontam algumas reflexões para a prática de terapeutas ocupacionais junto aos trabalhadores informalizados. As autoras discutem que as intervenções centradas no trabalho precisam acontecer de forma comunitária, política e crítica. Assim, é necessário priorizar atuações transformativas e não aquelas que, apesar de “curarem” adoecimentos ou “adaptarem” realidades, ainda continuam servindo fortemente à manutenção das desigualdades.

Os terapeutas ocupacionais se dedicam “à compreensão da vida e das atividades das pessoas, intervindo nessas e por meio dessas – focaliza-se, neste caso, os trabalhadores e as atividades de trabalho informais” (Souza & Lussi, 2022 p. 4). Ao lidar com a precariedade proveniente da informalidade, é necessário intervir de maneira articuladora, política e crítica, fomentando a informação e o conhecimento

no âmbito do trabalho e do direito, e “favorecendo a participação social, o exercício da sociabilidade, a construção da identidade desses trabalhadores e o seu entendimento como classe” (Souza & Lussi, 2022, p. 13).

A construção de uma Terapia Ocupacional crítica, situada ética e politicamente, parte da elaboração de intervenções de profissionais que se preocupam e problematizam a forte influência dos sistemas produtivos nas atividades realizadas pelas pessoas (Morán & Ulloa, 2016; Silva et al., 2019; Galheigo, 2020; Souza & Lussi, 2022). A elaboração de ações em Terapia Ocupacional no campo do Trabalho, desde uma perspectiva crítica, adota embasamentos teóricos que vão ao encontro da construção de uma sociedade mais justa.

Posicionar-se criticamente significa mais do que propor soluções à adoecimentos relacionados ao trabalho. Significa afirmar que um sistema que proporciona a exploração do homem pelo trabalho é uma das ferramentas para a manutenção da desigualdade social em uma sociedade de classes. É compreender que a construção de práticas passa pela compreensão da importância da educação, da informação, da conscientização, do exercício da cidadania e do fortalecimento de coletivos engajados.

Resumindo o que foi exposto, teoricamente este estudo compreende a informalidade do trabalho considerando uma perspectiva crítica, e a partir de autores que se debruçam sobre teorias construídas a partir do materialismo-histórico. Já o que se cita enquanto uma “prática crítica em Terapia Ocupacional”, está epistemologicamente alinhada com autores que se enquadram teoricamente, não apenas a partir do materialismo-histórico, mas também de teorias e conceitos provenientes de estudos pós-modernos e decoloniais.

Considerando isso, o objetivo deste trabalho foi, através da imagem de capa, apresentar as práticas de um Estágio em Terapia Ocupacional e Trabalho. Ressalta-se que foi preservado o anonimato de todos os participantes envolvidos nas experiências práticas de estágio. No Brasil, as pesquisas que realizam o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional sem revelar dados dos indivíduos são dispensadas de registro na Plataforma Brasil de acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

## **2 Mototaxistas**

Foi a partir da observação dos espaços públicos por parte de estagiários em Terapia Ocupacional e Trabalho, que foram construídas as práticas com trabalhadores mototaxistas. Considerando a forte presença desses trabalhadores no município onde ocorreu o estágio, foi realizada uma busca ativa na comunidade em dois pontos onde esse serviço se localiza (chamados de “pontos de mototáxi”).

Primeiramente, foi aplicado um formulário para conhecer a organização do trabalho, as condições de trabalho, a rotina de trabalho e as experiências dos trabalhadores com o trabalho narradas por eles mesmos. Foram coletadas informações nos dois pontos de mototaxistas sobre: idade, carga horária de

trabalho diário, descanso, lazer, escolaridade e saúde. As perguntas foram elaboradas considerando a literatura sobre trabalho informal, a partir da perspectiva teórica citada no tópico teórico anterior. As respostas provenientes das observações *in loco* e do formulário foram transformadas em ações para a intervenção junto aos trabalhadores, as quais serão citadas a seguir.

Observou-se que a maioria dos mototaxistas não usufruíam de nenhum tipo de proteção social. Assim, o grupo realizou como primeira ação a sistematização de informações sobre proteção social como o INSS<sup>1</sup> e a Lei do MEI<sup>2</sup>. Por meio de uma roda de conversa com os trabalhadores foram trocadas informações sobre os riscos provenientes do trabalho, as estratégias de proteção e de garantia de direitos, sobre como contribuir, quais os benefícios e passo a passo para fazer o cadastro. Foram construídos cartazes e panfletos que ficaram nos pontos como referência para a retirada de dúvidas. Os trabalhadores compreenderam que entender sobre os sistemas de proteção social é pensar estratégias para a “formalização” de um trabalho que não detém vínculos empregatícios.

Como segunda proposta, foi realizada ação para conversar sobre o acesso a vários tipos de serviços de saúde oferecidos no município. Elaborou-se um folder tamanho de bolso contendo serviços de saúde disponíveis (UBS<sup>3</sup>, CEO<sup>4</sup>, CER<sup>5</sup>, Centro de especialidades médicas, CEREST<sup>6</sup>, CAPS<sup>7</sup>) e os fornecidos pela Universidade que ofereceu a atividade de estágio. Os materiais foram utilizados para informar e suscitar o diálogo sobre o assunto, uma vez que os trabalhadores expuseram para o grupo de estágio as dificuldades de compreensão sobre como funciona o acesso a rede de saúde da cidade.

A vontade que alguns mototaxistas expressaram de voltar a estudar ou em capacitar-se formalmente para outras atividades também apareceu nas observações e no formulário que levantou as demandas para a prática. O grupo de estágio reuniu informações sobre EJA<sup>8</sup>, ENCCEJA<sup>9</sup>, cursos profissionalizantes do sistema “S” e os cursos de nível superior. Assim, sucedeu-se um momento reflexivo nos pontos de mototáxi, que esclareceu dúvidas e desmistificou os medos e as falsas notícias sobre educação. Além disso, possibilitou-se aos trabalhadores falar sobre as suas trajetórias de vida e discutir sobre a possibilidade da construção de outros projetos de vida, ainda que na fase adulta.

Após os mototaxistas relatarem que tinham interesse em capacitar-se com cursos, mas que existia uma dificuldade em encontrá-los ou saberem os pré-requisitos para a matrícula, a equipe de estágio entrou em contato com a Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho do município, tentando entender como ocorrem esses processos. Foi marcada uma reunião com a coordenadora da secretaria e neste encontro foram levadas as dificuldades dos trabalhadores de acesso aos cursos. A Secretaria passou a

---

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Seguro Social

<sup>2</sup> Microempreendedor Individual

<sup>3</sup> Unidade Básica de Saúde

<sup>4</sup> Centro de Especialidades Odontológicas

<sup>5</sup> Centro Especializado em Reabilitação

<sup>6</sup> Centro de Referência em Saúde do Trabalhador

<sup>7</sup> Centro de Atenção Psicossocial

<sup>8</sup> Educação de Jovens e Adultos

<sup>9</sup> Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

entrar em contato por telefone com a equipe de estágio sempre que alguma formação técnica era oferecida, assim como nos orientou sobre os cadastros necessários para que os trabalhadores pudessem se matricular.

Outra ação realizada foi uma roda reflexiva sobre sindicalização e sobre as dificuldades de se estabelecer atividades coletivas voltadas à reivindicação dos direitos. Foram apontados problemas e potências do sindicato dos mototaxistas do município. O grupo de estágio mediou essa conversa, ressaltando sempre a importância de estruturar politicamente as críticas, exercitar a coletividade e implicar-se enquanto cidadão nos espaços que auxiliam na garantia de direitos no trabalho.

Ademais, foi realizada uma roda de conversa sobre lazer, uma vez que vários trabalhadores expressaram que o trabalho era sua principal atividade desde criança. Nessa conversa, os trabalhadores escreveram em *post it* o que eles consideravam como atividade de lazer e, através da exposição das atividades em um cartaz maior, eles visualizaram atividades uns dos outros e conversaram sobre arte, cultura, família e agricultura. Nesse momento foi possível pensar sobre a importância de que os coletivos de trabalhadores se fortaleçam em espaços para além do trabalho. Os mototaxistas conversaram entre si sobre o desejo de produzir atividades em conjunto que não sejam apenas aquelas que acontecem durante o trabalho.

A atividade sobre o lazer motivou a equipe de estágio a entrar em contato com a Secretaria de Cultura do município. Foi firmada uma parceria entre o estágio e a Secretaria. A Secretaria apoiou a ação nos pontos de mototáxi e possibilitou que um músico local fosse até os pontos de mototaxistas fazer uma exibição. Isso proporcionou uma roda de música e de dança, onde os trabalhadores se aproximaram. Alguns deles foram, inclusive, buscar seus próprios instrumentos e expuseram seus talentos. Nesse momento, discutiu-se sobre a importância da articulação coletiva, que é potência para momentos de lazer e também na busca de direitos trabalhistas.

Após as ações descritas, proporcionou-se um momento que buscou retomar todas as ações informativas, educativas e todos os grupos de discussão que foram realizados no período do estágio. Alguns mototaxistas se voluntariaram para gravar vídeos-depoimento sobre sua experiência participando das ações do estágio. Foram relatadas mudanças relacionadas aos cuidados em saúde (busca de serviços públicos e privados para consultas preventivas), ao lazer (realização de uma reunião Natal entre todos eles, que nunca havia ocorrido), a educação (busca de cursos on-line e retomada dos estudos deles e dos filhos), a proteção social (regularização de pendências no INSS, busca pelo MEI e pela compreensão da sua contribuição) e outras questões referentes à busca por direitos (discussões sobre as problemáticas do sindicato e início da formação de uma nova chapa composta por alguns deles).

Ressalta-se que durante esse tempo e conforme os grupos ocorriam, a equipe também era procurada para auxiliar em questões individuais. Sendo assim, foram elaborados relatórios e realizadas orientações

e encaminhamentos individuais de trabalhadores para os serviços públicos de psiquiatria, de neurologia e de ortopedia.

**Figura 1:** Atividades desenvolvidas em um dos pontos de mototaxistas



**Fonte:** Arquivo pessoal

### 3 Casa de farinha familiar

As casas de farinha familiares fazem parte da cultura do município e estão compreendidas dentro da ideia de informalidade e precariedade colocada enquanto aporte teórico para as práticas. Foram realizadas duas ações pontuais com as trabalhadoras uma vez que não foi possível que a equipe acessasse frequentemente essas casas devido a indisponibilidade de transporte até o local.

Na primeira visita, foram conhecidas a organização e condições de trabalho, assim como as histórias das raspadeiras que frequentavam o espaço. A primeira ação voltou-se à saúde. Foi apresentado sistematicamente todos os serviços públicos de saúde fornecidos pelo município e pela Universidade, uma vez que essas mulheres moram em povoados distantes desses serviços.

Nesse sentido, foi aberta uma roda de conversa em que elas problematizaram as prioridades da prefeitura e puderam elencar estratégias individuais e políticas para se articularem em prol de um melhor acesso à saúde. A partir desse grupo, a turma de estagiários desenvolveu um relatório que apresentava os desafios enfrentados pelas raspadeiras relacionados ao acesso à saúde, sendo entregue em secretarias da prefeitura no município.

Após isso, diante das histórias e dos relatos de sofrimento psíquico apresentados pelas raspadeiras, conversamos sobre forma de autocuidado e necessidade de auxílio profissional. Nesse momento, enquanto eram feitas as conversas, foram realizadas Práticas Integrativas Complementares (PICs) em

parceria com um estudante de Farmácia da Universidade Federal, que se disponibilizou voluntariamente para contribuir com a ação. No local, também foram feitos relatórios diagnósticos e encaminhamentos individuais de raspadeiras ao serviço de ortopedia da Universidade.

**Figura 2:** Atividades em uma casa de farinha familiar



**Fonte:** Arquivo pessoal

## 5 Reflexões finais

Foram construídos caminhos de cuidado a partir de referenciais considerados como a base para a construção de uma Terapia Ocupacional crítica, política e articuladora. Esta compreensão teórica se alinha com a constatação das consequências da informalidade do trabalho e de como os trabalhadores são impulsionados por um sistema capitalista que lucra com o “não direito”, com a desigualdade social e com o individualismo/competitividade fomentado por uma racionalidade neoliberal. Entende-se que práticas profissionais que partem de reflexões desse tipo não estão finalizadas ou consolidadas. Essas intervenções encontram-se em construção, sobretudo diante do constante surgimento de novos desafios contemporâneos no mundo do trabalho.

**Figura 3:** Práticas intersetoriais do estágio sobre direito, coletividade e cultura

**Fonte:** Arquivo pessoal

## Referências

- Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cad. Bras. Ter. Ocup.* 28 (1), 5-25  
<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>
- Krein, J. D. (2018). O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva Consequências da reforma trabalhista. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 30(1), 77-104. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.138082>
- Lima, J. C. (2013). A nova informalidade. In A. B. L. Ivo (Coord.), *Dicionário temático Desenvolvimento e Questão Social: 81 problemáticas contemporâneas* (1a. ed, pp. 330-336). Annablume.
- Morán, J. P., & Ulloa, F. (2016). Perspectiva crítica desde latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica en terapia ocupacional contemporânea. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 24(2), 421-427.  
<http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoARF0726>
- Noronha, E. G. (2003). "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18(53), 111-179. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000300007>

Pamplona, J. B. (2013). Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 30(1), 225-24. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982013000100011>

Silva, C. R., Jara, M. R., Campo, Y. C. D., & Kronenberg, F. (2019). Terapias Ocupacionais do Sul: demandas atuais a partir de uma perspectiva sócio-histórica. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 3(2), 172-178. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto24867>

Souza, M. B. C. A., & Lussi, I. A. O. (2022). Terapia Ocupacional e trabalho informal: reflexões para a prática. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, 30, 1-15. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO21902901>

**Contribuição dos autores:** M. B. C. A. S. Orientação do trabalho, análise dos dados, revisão do texto. A. C. L., D.S., M. E. P. S., R. S. S., S. M. S. Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados.

**Recebido em:** 10/07/2023

**Aceito em:** 25/09/2023

**Publicado em:** 31/01/2024

**Editor(a):** Ricardo Lopes Correia